

## O que é, afinal, a pulsão?<sup>1</sup>

M<sup>a</sup> das Graças M. Cabral de Freitas<sup>2</sup>

### Resumo

*Este artigo apresenta um questionamento acerca da pulsão: sua fonte, a natureza de sua construção, sua finalidade e suas vicissitudes. Aborda a organização libidinal, a partir da sedução dos cuidados a que a criança é submetida, bem como as diversidades das fontes pulsionais, como a pulsão oral, a pulsão anal, a pulsão escópica e seus respectivos objetos fontes, evidenciando que não há distinção qualitativa entre estas.*

A psicanálise sempre nos fala do lugar da linguagem, mesmo referindo-se aos corpos ou ao mundo dos objetos. Refere-se ao corpo, mas não é corpo. Todo corpo é corpo libidinal: fonte e produtor de libido, produto dessa libido. A libido se organiza sob forma de pulsões.

Em 1905, no início da inclusão da pulsão no discurso freudiano, no texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, era particularmente da pulsão sexual que Freud falava, de algo que resulta das pulsões parciais reunidas. Porém, a sexualidade já era mencionada desde *Os estudos sobre a histeria* (1893-1895).

O termo *instinct*, usado por Strachey, comentarista da obra de Freud, para traduzir o *trieb*, alemão, levou muitos leitores de Freud a reduzirem a pulsão a algo meramente biológico. Até mesmo um trecho do próprio Freud em *A pulsão e suas vicissitudes*, levam a esse erro. O texto diz o seguinte: *"Se agora, nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um 'instinct' (trieb) nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico de estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente, no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo."* (1915, p. 142).

O próprio Strachey acrescenta uma nota de rodapé chamando a atenção para a inadequação de se identificar o *"trieb"* freudiano com o instinto dos biólogos, porém os comentaristas de Freud omitem o fato.

Freud, no texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), insiste em dizer que a sexualidade humana é aberrante em relação à função biológica da reprodução: o que ela visa não é a perpetuação da espécie, mas a satisfação. O que Freud evidencia é o corpo submetido ao simbólico e não o corpo biológico.

O primeiro objeto da libido é a própria libido. É necessário que haja um *self*, para que a criança se encontre com os outros. Este *self* seria o imanente erógeno, e nesse registro o "eu" não se faz apenas e nem a partir de sua identidade e nem de sua identificação com os outros. É através do diferencial prazer-desprazer que as instâncias se fundarão: o "eu", como instância organizadora, é o início, produto da repetição libidinal.

Esse primeiro rudimento de eu, chamado por Freud muitas vezes de "ego ideal", estabelece-se desde a repetição criadora da pulsão.

Há dois registros diferenciados: o registro pulsional, que vai se auto-organizar de forma fantasmática pela via do prazer; e o registro desejante, que junta corpo e linguagem, capturando, dando forma aos investimentos pulsionais que passam pelo caminho das fantasias inteligíveis, que para a psicanálise são: a sedução; a cena primária, o retorno ao útero e a castração.

Há uma sedução da qual praticamente nenhum ser humano escapa: a sedução dos cuidados maternos.

*"A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infundável*

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IV Jornada do GPAL em agosto/2004.

<sup>2</sup> Psiquiatra e Psicanalista do GPAL.

## O que é, afinal, a pulsão?

*de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isso é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela que, afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como um substitutivo de um objeto sexual completo". (Freud, 1905, pp. 229-230).*

O registro pulsional implica em ação, afirmação permanente e insistente de si mesmo. O registro desejante estabelece-se especialmente pelo saber, investigação que pressupõe os outros.

São registros diferenciados, mas que ao mesmo tempo, têm que se encontrar sob a forma de conflito ou de cisão insolúvel, que, porém, não podem ser ignorados.

Todos os órgãos internos e todas as partes do corpo são passíveis de erogenicidade. Embora Freud tenha valorizado mais certas zonas do corpo, especialmente as mucosas, nenhuma parte do corpo detém a exclusividade do que é sexual.

É o ato da alimentação que forma a base da experiência prazer-desprazer na criança e essa mesma experiência é depois utilizada no auto-erotismo, para indicar a origem somática da pulsão.

O termo *apoio* foi usado para descrever a relação da pulsão (*trieb*) com o instinto (*instinct*). A pulsão apóia-se no instinto da fome, não para confundir-se com ele, mas para desviar-se dele. Ou seja, a pulsão é uma perversão do instinto, que é a autoconservação.

A pulsão se presentifica no psiquismo através de seus representantes: a idéia e o afeto. E seu objetivo é sempre a satisfação.

Pressão, fonte, objeto e alvo são os quatro termos usados por Freud na sua montagem do conceito de pulsão, mas nenhum desses termos responde de forma isolada pela natureza pulsional.

À pressão é apontada por Freud como a própria essência da pulsão, embora não seja suficiente para defini-la. Esta mesma propriedade está presente no instinto. Porém, enquanto no instinto é uma forma de choque momentâneo, na pulsão é uma força constante.

O alvo pulsional é sempre a satisfação e permanece invariável para todas as pulsões, embora os caminhos que levam a ela possam variar, inclusive com alvos intermediários que podem se combinar ou permutar para alcançarem satisfações parciais.

Sendo a satisfação definida pela eliminação do estado de estimulação da fonte e a pressão como força constante, em relação à pulsão não há cancelamento da estimulação. Essa satisfação, que é o alvo pulsional, não pode ser atingida, não por falta de meios, mas por conta da própria natureza da pulsão.

Freud fala de pulsões de alvo inibido, fato que acontece na sublimação, com o recalque e os demais destinos pulsionais. O sintoma tem a mesma equivalência de um ato sexual.

O objeto pulsional é o mais variável e é sempre no qual e pelo qual a pulsão pode atingir seu alvo. Apenas por possibilitar a satisfação, o *objeto* articula-se à pulsão e é apenas por meio desse objeto que a satisfação, ainda que parcial, pode ser alcançada. No entanto, não é qualquer objeto, mas só aquele que se liga a ela por sua "peculiar aptidão" para possibilitar a satisfação. Essa aptidão está vinculada à história pessoal de cada um, ao seu desejo e suas fantasias. Entre a pulsão e o objeto há o desejo e a fantasia.

Não é o leite o objeto específico que sacia a fome ou a sede, que responde pelo estímulo pulsional, mas o seio ou a mucosa do seio, que em contato com a boca produz prazer.

O seio é o objeto da pulsão oral, mas quando esse seio não está mais lá. Os excrementos só serão objeto da pulsão anal na medida em que forem efetivamente perdidos, rejeitados. O objeto da pulsão, perdido para o sujeito, é um lugar vazio. O objeto *x*, denominado assim por Lacan, é este objeto, causa do desejo (Nasio, 1988).

A fonte da pulsão é o processo somático, interno a um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo está para o psiquismo, onde se faz presente apenas por seus representantes.

Apesar da denominação de pulsão oral, pulsão anal, pulsão escópica, etc., não há qualquer distinção qualitativa entre as pulsões. Tais distinções terminológicas designam apenas as diversidades das fontes pulsionais.



A pulsão é uma atividade de captura, de devoramento de uma parte do corpo do outro. Só é possível compreender esse devoramento com a idéia de lamínula usada por Lacan. A lamínula age num movimento de ida e vinda. É um prolongamento vivo, que atinge o outro, devora.

Só dessa forma podemos entender o que permite a um pintor, por intermédio de sua obra, arrancar os olhos daquele que a observa ou como alguém que ama um outro arranca-lhe, mesmo à distância, alguma coisa do corpo. Chamamos a isso pulsão.

O seio que a criança suga é outra coisa além de uma fonte de leite. Esse seio iludirá uma criança faminta, mas jamais uma criança desejante. Cada vez que esta criança mama uma perda é constatada e seu desejo permanecerá sem resposta. O desmame será sempre pontual e progressivo, até perder esse seio e a si mesma.

Quero relatar aqui uma antiga lenda albanesa, que foi reescrita por Marguerite Yourcenar e citada por Nasio, no seu livro *A criança magnífica da psicanálise* (1988).

A lenda se intitula *O leite da morte* e nos mostra a descrição da morte reduzida ao fato da pulsão. Três irmãos constroem uma torre para se defenderem de saqueadores turcos; mas, instável e mal construída, ela desmorona freqüentemente.

*“Uma lenda garantia que para tornar a torre menos vulnerável era preciso que um esqueleto de homem ou mulher fosse preso em suas fundações. Os três irmãos decidem emparedar uma de suas mulheres: será aquela que lhes trouxer no dia seguinte, a cesta com o almoço. A proposta parte do irmão mais velho, que quer se livrar de sua mulher; pois encontrou uma outra, mais bela e mais jovem. Ao entrar em casa, ele lembra à mulher que é sua vez de levar a cesta. O segundo irmão, apesar do juramento que fizeram os três, de nada dizer, exige da sua mulher que vá, no dia seguinte, ao lago para lavar a roupa. O terceiro chega à sua tenda, beija seu filho no berço e nada diz à sua jovem esposa. Mas, o mais velho falava em sonhos; sua mulher, prevenida de que alguma coisa inquietante se tramava contra ela, pede à mulher do segundo que vá em seu lugar. Diante de sua recusa, dirige-se então à mais*

*jovem que, sem saber, aceita levar a cesta fatal. Vendo-a chegar, seu marido tenta defendê-la mas é morto por seus irmãos. Ela é então emparedada pouco a pouco, começando pelos pés. Quando os tijolos atingem seu peito, ela roga que não o cubram e que tragam seu filho todos os dias para que ele possa se alimentar. No momento em que o muro atinge seus olhos, ela pede ainda que lhe deixem uma fenda para poder olhar para seu filho e assegurar-se de que o leite lhe é proveitoso. Durante dois anos leva-se a criança a sua mãe, e, embora a mulher tenha se tornado em cinzas, os seios continuaram a ser habitados pela vida e pelo leite e a criança continuava a bebê-lo. Hoje, ainda se visita a torre de Escutari em busca de vestígios de um rastro branco.”* (Nasio, 1988, p. 58)

O que mais impressiona neste conto, não é a morte e seu horror, embora seja de uma mãe que foi emparedada, mas a vida que permanece em seus seios. Apesar da fantasia materna de viver através do seio e do desejo de amamentar eternamente, o que fica é um seio sem mãe, um seio terrivelmente só, objeto destacado do corpo e contra este voltando-se até destruí-lo e anulá-lo.

Esse seio-mãe, gigantesco, foi construído sobre uma outra montagem, a da pulsão, em que não há uma mãe que se encarna, mas somente um seio sem mãe. Mais assustador que esses seios eretos, plenos de vida, é a avidez do filho amamentado como se os seios e a voracidade da criança tivessem esgotado e matado a mãe.

Aí está o que chamamos de pulsão: uma aliança, uma cumplicidade entre o seio que se destaca até deixar de pertencer ao corpo de onde é um prolongamento, e a criança que, apesar de saciada, não acalma seu desejo; e só quando saturada, rejeita o objeto de sua demanda.

Ainda há a segunda fenda, a que corresponde aos olhos; olhos que se supõe reger o acontecimento pulsional acolhendo as apalpadelas a cada vez que o seio é colhido pela boca e observando o rosto adormecido da criança. Este trabalho pulsional, que arranca o seio do outro para que a criança também o perca se faz sob o amparo da contemplação e de forma dupla: como olhar e como visão, como pulsão e como amor.

## O que é, afinal, a pulsão?

A contemplação tem o mesmo recorte do trabalho pulsional, até se inbricar com outra pulsão; a pulsão escópica e a pulsão oral fazendo um mesmo percurso até se unirem, até que os olhos maternos desçam, esmagando-se no espaço ínfimo entre o seio e a cabeça da criança, constituindo-se no sustentáculo das identificações narcísicas, quadro necessário ao conjunto das pulsões.

A pulsão tornar-se-ia intolerável e impossível, não fossem essas imagens do corpo, de partes do corpo, as miragens ou as ilusões, as exibições sexuais. Onde houver pulsão estarão o amor e o ódio. O furo pulsional é revestido pela imagem parcial do corpo investida narcisicamente.

É na relação com o outro, mãe ou não, que a pulsão em jogo se caracteriza. Conforme a posição desse Outro, ela se chamará oral, anal, escópica... É a relação significativa com o Outro que determinará a especificidade de cada pulsão. Pela intensidade da demanda é que a pulsão se revela.

Garcia-Roza, L. A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (1990). *Mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (1988). *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (1986). *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Green, A., Yorke, C., Rechartd, E., Segal, H., Widlöcher, D., Ikoen, P. & Laplanche, J. (1988). *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.

Leclair, S. (1992). *O corpo erógeno*. São Paulo: Escuta.

Nasio, J. D. (1988). *A criança magnífica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

---

### Referências bibliográficas

Freud, S. (1977). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1977). *Os instintos e suas vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (1977). *Os estudos sobre a histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).